
JAZZ

29 SETEMBRO '07

BERNARDO

SASSETTI TRIO

10 ANOS

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 29 SETEMBRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/6

Piano Bernardo Sasseti
Bateria Alexandre Frazão
Contrabaixo Carlos Barretto

AS VÁRIAS FACES DE SASSETTI

Manuel Jorge Veloso

Uma expressão de ordem valorativa que costumamos invocar no campo das relações humanas ao pretendermos salientar, pela positiva, o carácter deste ou daquele protagonista ou interlocutor, é a de que estamos perante um «homem de uma só cara». Não deixa por isso de ser curioso que o mesmo já se não passe quando hoje falamos de música e, no caso concreto, de *jazz*. O que, bem vistas as coisas, não encerra nada de negativo.

Entendamo-nos. Durante muitos anos, os amadores de *jazz* habituaram-se a formar os seus gostos musicais e a fazer as suas opções – por exemplo: a compra de um disco, a ida a um concerto – com inteira segurança, pelo conhecimento antecipado que haviam interiorizado, em termos de identificação, a propósito da filiação estilística de tal ou tal músico.

De facto, num período relativamente amplo da história do *jazz*, os campos estavam bem mais delimitados, sabia-se com o que se podia contar, os mais importantes e decisivos criadores (e seguidores) das principais correntes *jazzísticas* que constituem o corpo central do *jazz* – nascidas, grosso modo, nas primeiras seis décadas do século passado – estavam, muitos deles, ainda activos e eram, no fundo, contemporâneos dessa impetuosa e rápida evolução de um

domínio musical cuja criação lhes pertencia. Exactamente na mesma medida em que essas várias correntes estavam vivas e coexistiam lado a lado, tornando riquíssima e diversificada a cena do *jazz* de então.

No caso específico do *jazz*, música em parte substancial improvisada, cujo principal suporte e possibilidade de preservação era o disco (e não a partitura) e cuja modalidade mais genuína de fruição era a audição ao vivo ou discográfica dos músicos, era assim natural que os seus amadores, consoante os gostos e tendências, optassem por assistir em clube a um concerto cujo repertório era a natural expressão do omnipresente *hard bop*, preferissem comprar um disco que reflectisse as convulsões do *free jazz* ou decidissem ir a um grande recinto vibrar com as electrónicas da fusão ou com as batidas binárias do *jazz-rock*.

Com a chegada dos anos 80 do século passado – e com os naturais desenvolvimentos ocorridos nas duas décadas seguintes – algo de essencial aconteceu para a perenidade do *jazz* enquanto linguagem musical viva, ainda e sempre capaz de se revidorar.

Desaparecidos, pela ordem natural da vida, os grandes génios desta música, os jovens músicos de *jazz* distribuíram-se naturalmente por dois grandes campos: o daqueles que entendiam dever preservar, de forma intacta ou quase imutável, o legado até aí deixado pelas personalidades de referência, continuando a reproduzir na sua actividade musical as sucessivas linhas estéticas essenciais da música que admiravam; e o daqueles que, não renegando o passado e as mudanças qualitativas entretanto

verificadas (correspondentes a outras tantas *tradições*), entendiam que era porventura mais interessante e criativo procurar outros caminhos de síntese e reavaliação dessas tradições que apon-tassem à criação de um futuro consistente e plural.

Nasciam assim, do mesmo passo e de forma quase imperceptível, não só um *jazz* novo como também um músico de *jazz* de novo tipo: aquele que, senhor de uma forte cultura *jazzística*, formada através da audição da obra gravada dos grandes mestres, do estudo teórico e da própria prática académica (ou na situação de actuação ao vivo) da música destes, decide seguir um caminho próprio, ainda por cima cada vez mais aberto (como sempre o *jazz* foi, logo desde a sua génese) às mais variadas influências exógenas.

Não admira, portanto, que hoje coabitem nas expressões conceptuais dos mais criativos músicos actuais, vários caminhos estéticos (por vezes, radicalmente opostos) ou escolhas muito diversas de formações instrumentais, capazes de dar corpo a opções que reforcem (ou conjuguem) quer a vertente da composição quer a vertente da improvisação, seja esta sujeita a mote e tendente a um mais amplo e imediato reconhecimento ou inteiramente livre e mais propensa à aventura do desconhecido.

É portanto natural que, nos nossos dias, ao contrário do que atrás foi sublinhado, sejam precisamente a «insegurança», a imprevisibilidade e a não-familiaridade a marcarem a fruição musical de um concerto ou de um disco de *jazz*. Assim reforçando o desafio à nossa disponibilidade auditiva no sentido

de procurarmos descobrir a dialéctica estabelecida entre o que nos parece reconhecível e o que nos é ainda estranho, num esforço de identificação também de novo tipo: menos passivo, mais exigente e incomparavelmente mais estimulante do que a mera e contínua referência ao que permanece guardado nas gavetas da nossa memória, por mais exaltante que esta seja.

Indo ao que interessa e aqui me traz, julgo poder afirmar que, em termos caseiros e também internacionais, o pianista e compositor Bernardo Sasseti se enquadra perfeitamente naquilo que aqui procurei definir como músico de *jazz* de novo tipo: daí o título, como se vê nada pejorativo, que encima este texto.

É certo que, em rigor, Sasseti nos habituou a um certo *continuum* de familiaridade no seu percurso criativo, como líder de enorme firmeza e personalidade musical, como solista inventivo entre os demais, como compositor de grande sensibilidade e, ainda, como *sideman* de poderosa intervenção e cumplicidade cooperativa.

Mesmo assim, apesar dos traços reconhecíveis que aqui e ali sempre assomam na música que nos propõe, é a sua criatividade multifacetada que cada vez mais se reforça, não se remetendo o talentoso músico à contínua e eterna reiteração das opções pianísticas e de repertório com que, há vinte anos, brilhantemente irrompeu pela cena *jazzística* portuguesa.

Não pretendendo desenvolver aqui o traçado de uma carreira fulgurante (inseto noutro local desta folha de sala), julgo que se pode situar em inícios da

década de 2000 – ou seja, meia dúzia de anos passados sobre a edição de *Mundos* (EmArcy, 1997) – a grande viragem nas apostas estéticas de Bernardo Sasseti a caminho da plena maturidade e hoje estendidas, para além do *jazz*, aos domínios da música para cinema e multimédia.

Com efeito, a publicação de *Nocturno* (Clean Feed, 2002), com a mesma formação em trio do concerto de hoje, seguida dois anos mais tarde pela gravação em solo absoluto de *Indigo* (Clean Feed, 2004) e pouco depois reforçada (no que ao mesmo trio se refere) em certas peças de *Ascent* (Clean Feed, 2005), iriam contribuir para a revelação de uma nova identidade de compositor e, sobretudo, de uma atitude de não-seguidismo em relação ao que de mais trivial se costuma fazer com os *standards* ou com composições provenientes de outros mundos culturais que sempre tanto atraíram Sasseti: as músicas latinas, populares ou eruditas.

Acentuando e tornando mais movimentada a componente harmónica e a polivalência rítmica das suas peças – e assim dando maior riqueza e diversidade às melodias temáticas que delas brotam – Bernardo Sasseti é hoje um compositor e um improvisador de muito maior fôlego, capaz de optar pela via do *desenvolvimento* em constante progresso (mais do que da simples *variação* sobre estruturas rígidas) e de reforçar, como uma componente importante da sua música, o uso e a valorização do silêncio. Ainda no plano da invenção, é hoje muito mais sensível e enérgica, no pianista, a distinção entre os momentos de introspecção racional e de extroversão emotiva.

Para tal conta Sasseti, ainda e sempre, nesta certamente fascinante retrospectiva por 10 anos de existência, com a activa e criativa interacção de Carlos Barretto (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria), os notáveis companheiros de um trio que hoje comemora um redondo aniversário. Barretto é, sem margem para dúvidas, o nosso contra baixista de referência neste domínio musical, senhor de um som poderoso, de uma afinação rigorosa e de um tempo metronómico implícito ou explícito, preenchendo os espaços e os silêncios com invejável maestria. Quanto a Frazão, mais do que um baterista, é perante um verdadeiro percussionista que estamos: único na afinação mecânica do instrumento, dando transparência e brilho ao som das peles e dos címbalos, polivalente nas métricas regulares e irregulares, bem como subtil ou explosivo na criação colectiva das dinâmicas.

Enfim, um trio que se ouve a si próprio de olhos fechados. Que é a melhor maneira de fazer música.

Biografias

Alexandre Frazão

Natural de Niteroi (Rio de Janeiro) onde frequentou o conservatório em 1984. Vive em Portugal desde 1987. A sua actividade profissional tem sido predominantemente orientada para o *jazz* e para a música improvisada. Músico de extrema versatilidade, já colaborou ou colabora com inúmeros artistas do panorama nacional e internacional: Maria João e Mário Laginha, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Afonso Pais, Perico Sambeat, Von Freeman, Pedro Abrunhosa, Rui Veloso, Ala dos Namorados, Rão Kyo, Júlio Pereira, Tim Tim por Tim Tum. Em 2002 fundou o Trio TGB com Mário Delgado e Sérgio Carolino, daí resultando o disco *Tuba Guitarra e Bateria*, que contém músicas da sua autoria. Participou em vários festivais de *jazz* nacionais e internacionais e ainda concertos em França, na Bélgica, na Alemanha, na Dinamarca, em Inglaterra, na Áustria, em Espanha, em Itália, nos EUA, no Brasil, na Venezuela e na China. Actualmente também faz parte do grupo Led On (*hard rock*), tributo aos Led Zeppelin, e é peça importantíssima nos mais conceituados trios de piano da actualidade, o trio de Bernardo Sasseti (com Carlos Barretto) e o de Mário Laginha (com Bernardo Moreira). Toca e grava ainda no trio do guitarrista Afonso Pais, e no grupo Tribology do pianista Rodrigo Gonçalves.

Bernardo Sasseti

Nasceu em Lisboa, em Junho de 1970. Iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos com a professora Maria Fernanda Costa e, mais tarde, com o professor António Menéres Barbosa, tendo frequentado também a Academia dos Amadores de Música. Dedicou-se ao *jazz*, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet; participa em inúmeros festivais com músicos tais como Al Grey, John Stubblefield, Frank Lacy e Andy Sheppard. Desde então, nos primeiros 15 anos de carreira, apresenta-se por todo o mundo ao lado de Art Farmer, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D'Rivera, Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Charles McPherson, Steve Nelson, integrado na United Nations Orchestra e no quinteto de Guy Barker com o qual gravou o CD *Into the blue* (Verve), nomeado para os Mercury Awards 95m – Ten albums of the year. Em Novembro de 1997, também com Guy Barker, gravou *What Love is*, acompanhado pela London Philharmonic Orchestra e tendo como convidado especial o cantor Sting.

Como compositor destacam-se as suites *Ecoss de África*, *Sons do Brasil*, *Mundos*, *Fragments* (Of Cinematic Illusion), *Entropé* (para piano e orquestra) e *4 Movimentos Soltos* (para piano, vibrafone, marimba e orquestra). O seu primeiro trabalho discográfico como líder, *Sasseti* (Groove/Movieplay), foi gravado em Abril de 1994 com a participação de Paquito D'Rivera, o segundo,

Mundos (Emarcy/Polygram), em Janeiro de 1996; *Nocturno*, lançado pela editora Clean Feed em 2002, foi distinguido com o 1.º prémio Carlos Paredes. *Indigo* (com o álbum extra *Livre*) foi a sua obra para piano solo editada pela Clean Feed em 2004, também agraciada com o Prémio Carlos Paredes e considerada obra de referência pela crítica da especialidade e não só. Mais recentemente, Bernardo Sassetti gravou duas obras de composição grandiosas e que foram alvo dos maiores elogios internacionais, *Ascent* com o seu duplo trio, e *Unreal – Sidewalk Cartoon* com o ensemble de percussão Drumming que recebeu recentemente um ‘Choc’ da conceituada revista *Jazzman*.

Dedica-se regularmente à música para cinema, tendo realizado vários trabalhos nos quatro últimos anos, de entre os quais se destaca a sua participação no filme do realizador Anthony Minguella – *The Talented Mr. Ripley* (Paramount/Miramax). Para este projecto gravou *My Funny Valentine* com o actor Matt Damon, entre outros temas. Compôs igualmente, em parceria com o trompetista Guy Barker, uma série de temas para serem apresentados nas estreias deste filme realizadas em Los Angeles, Nova Iorque, Chicago, Berlim, Paris Londres e Roma.

Os seus mais importantes trabalhos de composição para cinema são: *Maria do Mar* de Leitão Barros, *Facas e Anjos* de Eduardo Guedes, *Quaresma* de José Álvaro Morais, *O Milagre Segundo Salomé* de Mário Barroso, *A Costa dos Murmúrios* de Margarida Cardoso, *Alice* de Marco Martins, o documentário *Noite em Branco* de Olivier Blanc, a curta-metragem

As Terças da Bailarina Gorda de Jeanne Waltz e a banda sonora da peça *Dúvida*, que esteve em cena no Teatro Maria Matos com Eunice Muñoz no principal papel. Como solista, participou também no filme *Pax* de Eduardo Guedes e na curta-metragem *Bloodcount* de Bernard McLoughlan.

Como concertista, no tempo presente, apresenta-se em piano solo, em trio com Carlos Barretto e Alexandre Frazão ou em duo com o pianista Mário Laginha, com quem gravou os CD's *Mário Laginha/Bernardo Sassetti e Grândolas* (uma homenagem a Zeca Afonso e aos 30 anos do 25 de Abril).

Carlos Barretto

Carlos Barretto nasceu no Estoril, a 18 de Julho de 1957. Aos seis anos interessou-se pela guitarra, com dez iniciou estudos de piano e solfejo no Conservatório Nacional de Música de Lisboa. No início dos anos 70, por iniciativa de Luís Villas-Boas, tiveram lugar os primeiros festivais de *jazz* (Cascais) de que há memória em Portugal. Foi aí que Carlos Barretto, impressionado com a mestria dos instrumentistas que aí desfilavam, despertou interesse pelo contrabaixo. Estudou com o professor Armando Crispim, com quem terminou o curso do Conservatório Nacional de Música de Lisboa. Paralelamente, frequentou a primeira escola de *jazz* do país (a do Hot Club de Portugal) e fez as primeiras experiências amadoras, com músicos locais. Estudou, mais tarde, com o mestre Ludwig Streischer, na Academia Superior de Música de Viena (Áustria). Nesta cidade teve a oportunidade de trabalhar com músicos de *jazz*, como Fritz Pauer (acompanhador regular de Art Farmer), Joris Dudli e Christian Radovan (elementos da Vienna Art Orchestra). Regressa a Lisboa, ingressando na Orquestra Sinfónica da RDP, e colaborando em projectos de artistas da música popular portuguesa. Por esta altura – a profissionalização do *jazz* dava os primeiros passos em Portugal – Carlos Barretto colaborou em concertos na companhia de músicos da sua geração como Mário Laginha, Carlos Martins e Mário Barreiros, entre outros. Em 1984, reflexo do frustrante panorama cultural e artístico que então se vivia em Portugal, Carlos Barretto

estabelece residência em Paris, apostado em fazer da música improvisada a sua filosofia de vida e carreira profissional. Naquela cidade encontrou um mercado muito mais vasto no plano *jazzístico*, tendo actuado nos mais prestigiados clubes de *jazz*, como os New Morning, Magnetic Terrasse, Petit Journal Montparnasse, La Villa, Bilboquet, Dunois, etc., onde se apresentou ao lado de músicos de nomeada tais como Steve Grossman, Steve Lacy, Steve Potts, Barry Altschul, Aldo Romano, Hal Singer, Alain Jean Marie, George Brown, Michel Gaillier, entre muitos outros. Participou em inúmeros festivais em França ao lado de músicos de renome como Horace Parlan, Tony Scott, Lee Konitz, Glenn Ferris, Siegfried Kessler, John Betsch. Em 1990, gravou um CD ao vivo com Mal Waldron, na Bélgica, seguindo-se uma série de concertos em Amesterdão, Roterdão, Metz, Le Havre, Nantes e Paris. Participou igualmente em emissões de rádio com destaque para as da Radio-France com Mal Waldron, Richard Raux, François Chassagnite, Jeff Sicard, e para a France-Inter com Lee Konitz. Quanto à televisão, assinala a sua presença na TV-M6 com Horace Parlan, Tony Scott e John Betsch. De regresso a Portugal, em 1993, foi convidado a leccionar na Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Integrou formações nacionais actuando em concertos e festivais em todo o país onde se destacam as prestações com Lee Konitz, John Stubblefield, George Cables, Lynne Arrialee, Cindy Blackman e com a sua própria formação (Carlos Barretto Quintet), que incluía Perico Sambeat, François Théberge, Bernardo Sassetti

e Mário Barreiros. Com esta formação gravou o seu primeiro CD como líder – *Impressões* (para a editora Movieplay) –, tendo efectuado concertos em Portugal, Espanha, França e Suíça. Em 1996, reformula o seu quinteto (desta vez com Bob Sands, Perico Sambeat, Albert Bover, e Philippe Soirat) e grava *Going Up* (Challenge – Dargil), considerado o melhor CD do ano (1996) em Portugal e distinguido com o Prémio Villas Boas da Câmara Municipal de Cascais.

O ano seguinte foi de grande actividade para Carlos Barretto, em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, França e Inglaterra, países onde foi convidado a acompanhar grandes nomes do jazz como Art Farmer, Brad Mehldau, Kirk Lightsey, Don Moye, Gary Bartz e Joe Chambers. Nesse mesmo ano, Barretto dá um passo decisivo na contínua busca de uma identidade musical própria: forma um novo grupo com José Salgueiro e Mário Delgado. Com este novo trio, Carlos Barretto grava *Suite da Terra* (BAB – Dargil).

Carlos Barretto compôs *Os seis sentidos*, coreografados por Ana Rita Barata e Peter Michael Dietz para o Festival dos 100 Dias (Expo 98), integrado no espectáculo *Quadrofonía do Tempo*, com Bernardo Sassetti, Carlos Martins e Laurent Filipe.

Com Bernardo Sassetti, Mário Barreiros e Perico Sambeat, o Quarteto Carlos Barretto edita o CD *Olhar* (Up Beat). Em 2000, grava *Silêncios*, segundo trabalho discográfico do seu trio com Mário Delgado e José Salgueiro (Foco Musical). No mesmo ano estreia o seu projecto *Solo Pictórico*, com música e

pintura da sua autoria apresentando-se em vários espectáculos.

A seguir, dois discos importantíssimos marcam definitivamente a carreira de Carlos Barretto e do jazz português, *Radio Song*, em 2002, e *Lokomotiv* em 2003.

Radio Song é considerado por muitos como o melhor disco de jazz gravado em Portugal e pode considerar-se o ponto mais alto da carreira de Barretto. Para além do trio com Mário Delgado e José Salgueiro, Barretto convidou o virtuoso saxofonista/clarinetista francês Louis Sclavis. No ano seguinte fez a mesma estratégia e convidou o renomado saxofonista François Corneloup para gravar o excelente *Lokomotiv*. Depois de um período sabático em que voltou a questionar a sua própria música, Carlos Barretto arrancou em Março de 2007 com o ambicioso grupo In Loko. Esta *all star band* é uma espécie de versão aumentada do trio com Delgado e Salgueiro, mas com o Bernardo Sassetti no *fender rhodes*, João Moreira no trompete, e Hugo Meneses na percussão.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO MÚSICA SEG 8 OUTUBRO

Pierre Boulez



René Char



Pedro Amaral



Fernando Pessoa



Som e verbo dois rostos, dois olhares

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M/12

Neste espectáculo serão apresentados, lado a lado, dois olhares musicais sobre obras poéticas: *Le Marteau sans Maître*, de Pierre Boulez, a partir de poesia de René Char, *O Sonho*, de Pedro Amaral, sobre fragmentos dramáticos de Fernando Pessoa, e *O Jogador de Xadrez* sobre poemas de Ricardo Reis.

Le Marteau sans Maître constitui uma obra emblemática, não apenas no catálogo do grande compositor francês, mas da própria história do pensamento musical contemporâneo, rosto simbólico da vanguarda no pós Segunda Grande Guerra. Esta obra-prima será interpretada pela meio-soprano Angélica Cathariou – magnífica voz emergente no panorama internacional –, acompanhada pelo Grupo de Música

Contemporânea de Lisboa sob a direcção de Pedro Amaral.

Na segunda parte, Pedro Amaral dirige ainda a Orquestra Metropolitana de Lisboa num fragmento para a ópera de câmara *O Sonho*, sobre fragmentos dramáticos de Fernando Pessoa, em versão de concerto. Como solistas apresentam-se a soprano Sandra Medeiros no papel de *Salomé*, e as sopranos Ângela Alves e Sara Braga Simões nos papéis de duas aias.

A finalizar o concerto, de novo com direcção de Pedro Amaral, é interpretado, pelo Coro Voces Caelestes, e numa nova versão, a sua obra coral *O Jogador de Xadrez* sobre uma Ode de Ricardo Reis.

INTEGRADO NO CICLO 'OS FILHOS DE ABRAÃO'

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Joana Gonçalves ESTAGIÁRIA
Judite Jóia ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha